



---

# INSERÇÃO TERRITORIAL DAS ACTIVIDADES TURÍSTICAS EM PORTUGAL – UMA TIPOLOGIA DE CARACTERIZAÇÃO

---

João Albino Matos Silva - Faculdade de Economia da Universidade do Algarve - E-mail: j.silva@ualg.pt

José António Vieira da Silva - ISCTE - Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa

## RESUMO:

O crescimento dos principais indicadores macroeconómicos associados ao turismo português, se fazem das actividades que lhes estão associadas uma das principais especializações produtivas do país, vêm colocar a necessidade de uma reflexão estratégica sobre a inserção do turismo em contextos regionais.

Este artigo, ao pretender responder a estas preocupações, começa por esboçar uma análise quantitativa da estrutura espacial das actividades turísticas em Portugal, através da construção de um índice de localização turística ponderado, cujo objectivo é o de analisar o protagonismo destas actividades no tecido produtivo das regiões portuguesas.

Num segundo momento é desenvolvida uma tipologia qualitativa cujo objectivo é o de analisar o potencial de estruturação do turismo numa base regional.

Finalmente equacionam-se os problemas nucleares e as áreas estratégicas de intervenção concordantes com a tipologia apresentada e baseados nos principais factores que delimitam o desenvolvimento turístico sustentável.

## ABSTRACT:

The evolution of the main macroeconomics indicators associated with Portuguese tourism, if demonstrating that related activities with this sector are associated with some of the country's main production specialization, also highlight the need for a strategic reflection on tourism insertion on a regional context.

This article, while aiming to answer these concerns, starts by outlining a quantified analysis for the structure of Portuguese tourism spatial activities, by building a localization weighed tourism index, whose goal is to analyze the importance these activities have on the Portuguese regional "industries".

On a second stage, a qualitative typology is developed aiming at analyzing the tourism structural potential on a regional basis.

Finally, central problems are considered as well as strategic areas for actions according with the presented typology and based on the main factors that define sustainable tourism development.





## INTRODUÇÃO

A crescente importância das actividades turísticas na economia portuguesa, para além de possuir um elevado significado macroeconómico, reflecte-se igualmente na atenção que tem vindo a ser dada à relevância regional destas actividades.

De facto, cada vez mais as actividades do turismo e do lazer são colocadas como alternativas regionais aos problemas e bloqueios de sectores tradicionais das estruturas produtivas de diversas regiões do território nacional.

Apesar do aparente consenso sobre as oportunidades que se abrem regionalmente à oferta turística, estamos perante um quadro de recursos e de dinâmica da procura que continua marcado por fortíssimas desigualdades territoriais.

Este quadro de assimetrias é marcado por distintos níveis de exploração dos recursos existentes, mas igualmente por patamares bem diversos de intensidade de recursos turisticamente relevantes. A diversa capacidade que as actividades turísticas possuem para estruturar as economias regionais aconselha a que se desenvolva um esforço metodológico de caracterização tipológica das relações entre o turismo e a sua realidade territorial envolvente.

Este esforço de operacionalização constitui um importante pressuposto de fundamentação de estratégias de desenvolvimento que possuam elevados níveis de compatibilização com a realidade e se transformem em verdadeiros instrumentos de promoção do desenvolvimento regional.

Com o presente texto pretende-se proceder a uma reflexão em torno desta problemática e estrutura-se nos seguintes passos:

- caracterização da estrutura e dinamismo regional destas actividades;
- construção de uma tipologia de inserção do turismo nos espaços regionais do continente português;
- apresentação e discussão do quadro de factores nucleares para o desenvolvimento estratégico para os vários tipos de regiões estudadas.

## 1. A ESTRUTURA ESPACIAL DAS ACTIVIDADES TURÍSTICAS

### 1.1 ENQUADRAMENTO ANALÍTICO

O período de expansão acelerada da importância relativa das actividades turísticas na economia portuguesa, que se inicia nos finais da década de 60 com a abertura do Aeroporto de Faro, corresponde, igualmente, a uma mutação profunda no padrão territorial destas actividades.

A exploração intensa dos recursos turísticos de base balnear nos mercados externos e a sua afirmação no mercado interno, faz com que se acentue a localização litoral das infraestruturas turísticas e, especialmente, uma enorme polarização na costa Algarvia.

A natureza das actividades turísticas não viabiliza com facilidade a identificação rigorosa da sua importância regional relativa, já que a procura turística se dirige a um leque variado de estruturas de oferta (alojamento, restauração, transportes e comunicações, comércio...) que dificulta a delimitação estatística da sua relevância.

Por outro lado, a dimensão espacial das mesmas actividades possui características muito específicas

que combinam, nomeadamente, ocupações extensivas de perfil regional, com lógicas de elevada polarização de recursos específicos.

Uma aproximação à identificação do padrão espacial das actividades turísticas no continente português, pode ser ensaiada combinando uma desagregação espacial relativamente fina (as NUTS III) com um conjunto de variáveis centrais de estruturação destas actividades. Seleccionando variáveis da procura – dormidas de nacionais (DN) e estrangeiros (DE) – e variáveis da oferta – alojamento hoteleiro (AH), alojamento em parques de campismo (APC), emprego na restauração (EP) e na hotelaria (EH) – é possível estimar com um rigor elevado a natureza espacial do turismo nacional.

Como importantes lacunas desta selecção de indicadores poder-se-á salientar a ausência de uma importante variável do alojamento informal (as chamadas camas turísticas não classificadas) bem como a natureza muito diversificada do sector da restauração o qual, em diversos contextos espaciais, não pode ser rigorosamente associado integralmente à procura turística.

Estas lacunas possuem uma capacidade evidente para distorcer a imagem da importância regional do turismo, especialmente porque subavaliam as regiões de procura mais intensa, mas não comprometem o essencial da sua representação do fenómeno.

Naturalmente que uma estrutura regional destas variáveis é marcadamente afectada pela distinta dimensão social e económica das regiões consideradas.

Justifica-se, por isso, produzir uma imagem mais sintética e expressiva do padrão espacial procedendo a duas transformações nas variáveis estudadas: por um lado, sintetizando numa única variável a

informação apresentada e, por outro lado, inserindo essa informação sintética nas características dimensionais básicas das regiões consideradas.

O primeiro passo cumpre-se calculando uma Estrutura Ponderada das Variáveis Turísticas onde se valorizará de forma dupla as componentes com maior potencial de influência na estruturação económica das regiões e que mais rigorosamente representam a economia do turismo: a oferta hoteleira, o emprego na hotelaria e as dormidas de estrangeiros.

O resultado para a região  $i$  do indicador da Estrutura Ponderada de Vectores Turísticos (EPVT) será, então, calculado da seguinte forma:

$$EPVT_i = (2 AH_i + APC_i + 2 EH_i + ER_i + 2 DE_i + DN_i) / 9$$

Onde  $AH$  = peso regional no alojamento hoteleiro;  $APC$  = peso regional no alojamento de campismo;  $EH$  = peso regional no emprego hoteleiro;  $ER$  = peso regional no emprego na restauração;  $DE$  = peso regional nas dormidas de estrangeiros;  $DN$  = peso regional nas dormidas de nacionais.

O segundo passo realiza-se com a produção de um indicador de Localização Turística Ponderada que irá combinar o peso regional do indicador de síntese calculado no passo anterior com o peso regional médio nas variáveis população residente e Valor Acrescentado Bruto.

O indicador de Localização Turística Ponderada (LCP) será então:

$$LCP_i = EPVT_i / [(PR_i + VAB_i) / 2]$$

Onde  $PR_i$  = peso regional na população residente e  $VAB_i$  = peso regional no  $VAB$ .

Este indicador, cuja leitura é semelhante aos diversos indicadores de Localização utilizados na análise das estruturas regionais, limita-se a indicar a relação existente entre a importância da região no turismo e o seu peso demográfico e económico.<sup>1</sup>

Importa reforçar que estamos já não apenas a identificar a dimensão absoluta das variáveis turísticas mas a combiná-las com a dimensão da região onde se inserem, logo a determinar fortemente o estudo de localização pelo seu contexto territorial.

Este estudo deverá, aliás permitir uma leitura possível da diferente capacidade de estruturação regional das actividades turísticas. A utilização de uma das modalidades da escala de Liekert permitirá agrupar as regiões segundo a localização turística:

- Admite-se, assim, que localizações muito intensas (5) e intensas (4), por exemplo, estarão em regiões onde a importância relativa do indicador sintético das actividades turísticas (*EPVT*) no continente português, é superior à importância relativa dos indicadores relacionados com a dimensão económica e social no mesmo espaço.
- Com a mesma lógica metodológica, ter-se-ão regiões com localização moderada (3) onde exista algum equilíbrio das importâncias relativas daqueles indicadores.
- Agrupar-se-ão por ordem decrescente nos últimos escalões, regiões com baixa (2), reduzida (1) e muito reduzida (0) localização turística, acentuadoras de uma menor ou mesmo diminuta capacidade de estruturação regional das actividades turísticas.

---

<sup>1</sup> Para uma abordagem recente dos indicadores de localização, remete-se o leitor para DELGADO, A. P. e GODINHO, I. M. (2002).

## 1.2 APLICAÇÃO DOS INDICADORES AO CONTINENTE PORTUGUÊS

Observando o Quadro 1, é patente a extrema diversidade do peso regional nas variáveis turísticas, com o enorme destaque da região algarvia nos diversos indicadores de oferta e de procura, com particular incidência nas variáveis de maior capacidade estruturante (a oferta hoteleira e a procura externa).

A concretização dos dois passos da metodologia podem ser observados no Quadro 2 e na Figura 1.

Este ensaio evidencia-nos a enorme dualidade existente no padrão locativo nacional já que apenas o Algarve possui uma intensidade no território continental português muito elevada (cerca de 10 vezes superior à média nacional) e apenas mais uma região, o Alentejo Litoral, possui um indicador superior à unidade (Quadro 2 e Figura 1).

**QUADRO 1**  
Estrutura Ponderada de Vectores Turísticos (NUTS III)

	EPVTi	AH	%	APC	%	EH	%	ER	%	DE	%	DN	%
<b>Norte</b>													
Minho Lima	1,47%	2 800	1,5%	7 990	3,4%	417	1,3%	1 337	1,6%	64 738	0,3%	176 547	2,1%
Cávado	1,55%	3 962	2,1%	2 850	1,2%	753	2,3%		0,0%	144 445	0,8%	212 652	2,6%
Ave	0,99%	1 687	0,9%	720	0,3%	387	1,2%	1 691	2,0%	76 353	0,4%	139 823	1,7%
Grande Porto	7,26%	11 988	6,2%	231	0,1%	2 517	7,6%	16 438	19,5%	780 041	4,1%	839 569	10,1%
Tâmega	0,55%	1 464	0,8%	0	0,0%	224	0,7%	1 099	1,3%	20 608	0,1%	51 025	0,6%
Entre Douro e Vouga	0,38%	651	0,3%	0	0,0%	111	0,3%	1 051	1,2%	24 945	0,1%	45 497	0,6%
Douro	0,96%	1 921	1,0%	5 000	2,2%	337	1,0%	686	0,8%	23 598	0,1%	120 925	1,5%
Alto Trás-os-Montes	1,15%	3 233	1,7%	4 040	1,7%	471	1,4%	0	0,0%	22 673	0,1%	178 630	2,1%
<b>Centro</b>													
Baixo Vouga	2,43%	4 488	2,3%	19 190	8,3%	738	2,2%	0	0,0%	120 030	0,6%	267 230	3,2%
Baixo Mondego	3,38%	5 426	2,8%	26 200	11,3%	674	2,0%	2 699	3,2%	272 244	1,4%	280 396	3,4%
Pinhal Litoral	1,42%	3 051	1,6%	5 700	2,5%	443	1,3%	1 236	1,5%	80 688	0,4%	177 977	2,1%
Pinhal Interior Norte	0,53%	472	0,3%	6 400	2,8%	71	0,2%	541	0,6%	6 886	0,0%	31 193	0,4%
Dão-Lafões	1,40%	3 844	2,0%	3 260	1,4%	594	1,8%	0	0,0%	37 471	0,2%	269 638	3,2%
Pinhal Interior Sul	0,05%	95	0,1%	0	0,0%	18	0,1%	110	0,1%	168	0,0%	8 901	0,1%
Serra da Estrela	0,19%	438	0,2%		0,0%	86	0,3%	139	0,2%	6 822	0,0%	37 615	0,5%
Beira Interior Norte	0,52%	997	0,5%	2 380	1,0%	181	0,5%	432	0,5%	17 618	0,1%	67 531	0,8%
Beira Interior Sul	0,55%	1 257	0,7%	1 700	0,7%	255	0,8%	0	0,0%	12 319	0,1%	104 817	1,3%
Cova da Beira	0,43%	985	0,5%	0	0,0%	176	0,5%	413	0,5%	4 764	0,0%	101 311	1,2%
<b>Lisboa e Vale do Tejo</b>													
Oeste	2,88%	5 064	2,6%	21 055	9,1%	820	2,5%	0	0,0%	337 768	1,8%	260 008	3,1%
Grande Lisboa	23,35%	35 476	18,4%	11 350	4,9%	8 411	25,3%	41 428	49,0%	4 775 272	24,9%	1 577 198	18,9%
Península de Setúbal	4,30%	4 186	2,2%	37 260	16,1%	860	2,6%	5 451	6,5%	379 233	2,0%	229 971	2,8%
Médio Tejo	2,02%	5 669	3,0%	1 090	0,5%	815	2,5%	1 145	1,4%	316 547	1,7%	188 905	2,3%
Lezíria do Tejo	0,32%	633	0,3%	1 540	0,7%	116	0,4%		0,0%	20 821	0,1%	50 476	0,6%
<b>Alentejo</b>													
Alentejo Litoral	2,33%	3 466	1,8%	24 245	10,4%	386	1,2%	521	0,6%	164 523	0,9%	185 424	2,2%
Alto Alentejo	0,99%	1 402	0,7%	4 550	2,0%	416	1,3%	756	0,9%	45 968	0,2%	135 852	1,6%
Alentejo Central	1,00%	1 924	1,0%	200	0,1%	484	1,5%	890	1,1%	118 641	0,6%	141 783	1,7%
Baixo Alentejo	0,40%	781	0,4%	1 580	0,7%	164	0,5%	0	0,0%	20 678	0,1%	75 238	0,9%
<b>Algarve</b>	<b>37,23%</b>	<b>85 096</b>	<b>44,2%</b>	<b>43 635</b>	<b>18,8%</b>	<b>12 349</b>	<b>37,1%</b>	<b>6 436</b>	<b>7,6%</b>	<b>11 250 173</b>	<b>58,8%</b>	<b>2 375 673</b>	<b>28,5%</b>
<b>Total</b>		<b>192 456</b>		<b>232 166</b>		<b>33 274</b>		<b>84 499</b>		<b>19 146 035</b>		<b>8 331 805</b>	

Fonte: Estatísticas do Turismo, INE, 1998

Uma análise da maior importância consistirá na avaliação da dinâmica temporal deste indicador.

Cálculos efectuados para o período 1992/1998 permitem verificar uma natural estabilidade do padrão locativo esta realidade (ver quadro 2) mas, ainda assim, detectar algumas dinâmicas interessantes.

Assim, neste período verifica-se uma progressão do indicador em quase todas as NUTSIII do sul do país, (com destaque para o Alentejo) e um recuo das NUTS III da Região Norte. Uma análise mais fina poderia, no entanto, levar-nos à identificação de localizações turísticas em reforço, fora da lógica dominante do turismo balnear.

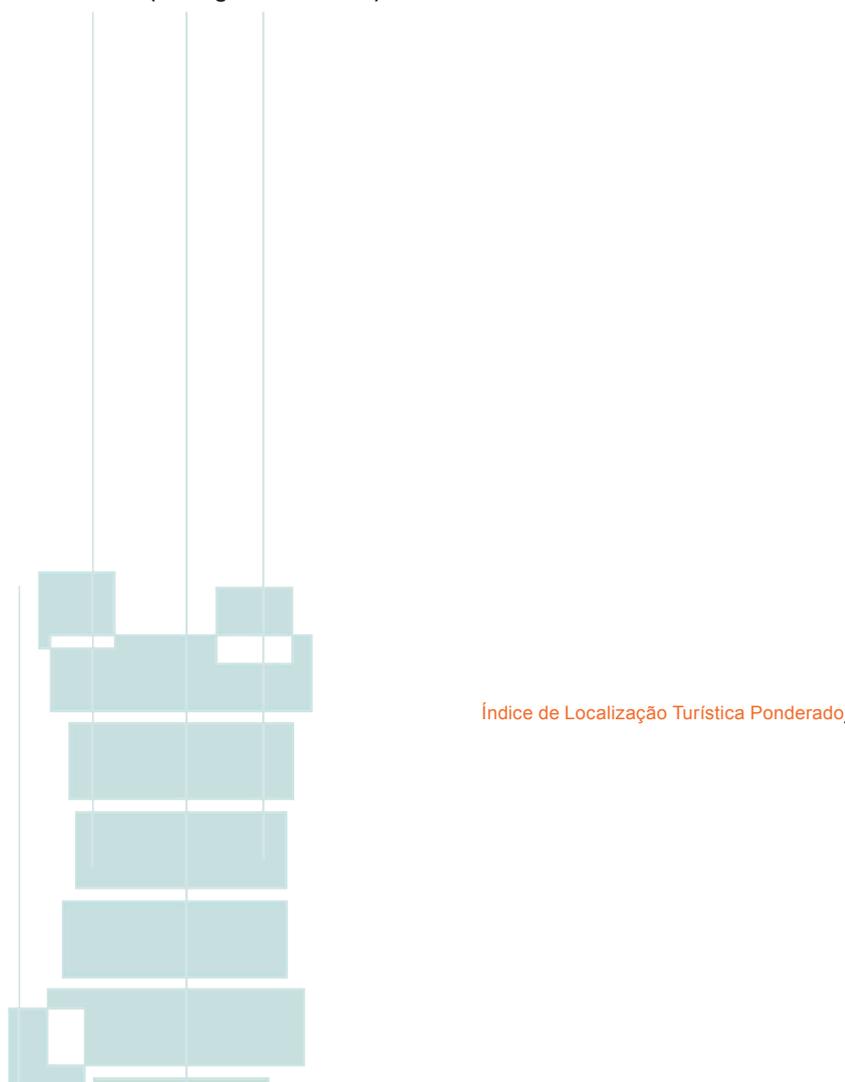
#### QUADRO 2

Localização Turística Ponderada (1998), por NUTS III

	LTPi	PR	%	VAB	%	variação do LTPi 98-92
<b>Norte</b>						
Minho Lima	0,63	250 500	2,6%	285 700	2,0%	-0,11
Cávado	0,44	378 420	4,0%	481 790	3,0%	-0,12
Ave	0,22	483 750	5,1%	684 147	4,0%	0,04
Grande Porto	0,52	1 201 760	12,7%	2 317 977	15,0%	-0,08
Tâmega	0,13	538 210	5,7%	492 140	3,0%	-0,01
Entre Douro e Vouga	0,13	267 520	2,8%	394 940	3,0%	-0,06
Douro	0,43	234 340	2,5%	279 887	2,0%	0,05
Alto Trás-os-Montes	0,53	223 810	2,4%	245 109	2,0%	-0,14
<b>Centro</b>						
Baixo Vouga	0,62	364 830	3,9%	617 081	4,0%	-0,12
Baixo Mondego	1,05	326 370	3,4%	532 677	3,0%	0,07
Pinhal Litoral	0,64	231 550	2,4%	382 781	2,0%	0,03
Pinhal Interior Norte	0,44	131 760	1,4%	139 939	1,0%	0,06
Dão-Lafões	0,56	282 460	3,0%	318 168	2,0%	-0,14
Pinhal Interior Sul	0,00	44 480	0,5%	53 759	0,0%	0,00
Serra da Estrela	0,69	51 680	0,6%	46 866	0,0%	0,20
Beira Interior Norte	0,48	111 180	1,2%	130 044	1,0%	-0,19
Beira Interior Sul	0,60	77 270	0,8%	104 157	1,0%	0,11
Cova da Beira	0,44	88 750	0,9%	105 040	1,0%	-0,01
<b>Lisboa e Vale do Tejo</b>						
Oeste	0,84	365 090	3,9%	516 026	3,0%	0,00
Grande Lisboa	0,95	1 835 380	19,4%	4 620 601	30,0%	0,02
Península de Setúbal	0,66	671 740	7,1%	926 840	6,0%	0,14
Médio Tejo	0,92	224 480	2,4%	301 328	2,0%	0,09
Lezíria do Tejo	0,14	229 770	2,4%	354 994	2,0%	-0,03
<b>Alentejo</b>						
Alentejo Litoral	2,35	92 590	1,0%	199 251	1,0%	0,30
Alto Alentejo	0,88	119 830	1,3%	158 831	1,0%	0,23
Alentejo Central	0,72	166 680	1,8%	233 751	1,0%	0,28
Baixo Alentejo	0,33	131 220	1,4%	149 236	1,0%	0,01
<b>Algarve</b>						
<b>Total</b>	<b>10,06</b>	<b>9 474 070</b>	<b>3,7%</b>	<b>15 654 887</b>	<b>3,7%</b>	<b>0,10</b>

Fonte: INE, 1992, 1998.

**FIGURA 1**  
**Localização Turística Ponderada - NUTS III**  
**(Portugal Continental)**



A distribuição dos valores da localização turística pode dar origem a seis conjuntos diferenciados:

- localização muito intensa –  $LTP > 3$
- localização intensa –  $LTP > 1$  e  $< 3$
- localização moderada –  $LTP > 0.75$  e  $< 1$
- localização baixa –  $LTP > 0.5$  e  $< 0.75$
- localização reduzida -  $LTP > 0.25$  e  $< 0.5$
- localização muito reduzida –  $LTP < 0.25$

As regiões litorais de Lisboa e do Centro apresentam os valores mais relevantes de localização turística, excluindo as regiões de localização intensa. Levando em consideração a dimensão económica e social da região da Grande Lisboa, torna-se imperioso assinalar a importância que o indicador de localização assume nesta região.

Se as regiões de turismo intenso (Algarve e Alentejo Litoral) são determinadas pela predominância do turismo balnear, já nas regiões de localização

moderada se combinam situações de recursos “praia” e pólos de turismo cultural e de negócios (Lisboa) ou religioso (Fátima) – Médio Tejo).

A distribuição dos indicadores calculados nas restantes regiões mostra-nos a menor capacidade de estruturação regional das actividades na região Norte e na generalidade das regiões do interior.

Saliente-se que a produção desta imagem não permite valorizar dois fenómenos de importância estratégica para o desenvolvimento futuro do turismo no território nacional.

Por um lado, este indicador não inclui, naturalmente, a dimensão do potencial dos recursos existentes, mas, tão só o nível de exploração existente.

Por outro lado, a abordagem de base regional, ainda que com ventilação relevante, não valoriza fenómenos de escala muito localizada existentes em diversas regiões e que possuem uma dimensão por vezes nuclear na estruturação de economias locais.

## **2. O TURISMO E O DESENVOLVIMENTO REGIONAL – O POTENCIAL DA ESTRUTURAÇÃO REGIONAL DAS ACTIVIDADES TURÍSTICAS**

No quadro das profundas transformações que vêm marcando a estrutura económica e social de inúmeras regiões portuguesas (como, aliás, noutros contextos nacionais) as oportunidades de desenvolvimento das actividades turísticas aparecem como denominador comum de diversas estratégias de desenvolvimento. Este facto possui três principais factores explicativos:

- o esgotamento de modelos de localização espacial de diversas actividades produtivas (na agricultura, na indústria nos sectores extractivos) fruto dos movimentos nacionais e internacionais de reestruturação;
- o dinamismo da procura turística, quer do ponto de vista quantitativo, quer do ponto de vista de uma permanente diversificação dos seus perfis;
- A valorização, pela procura, dos recursos com capacidade diferenciadora dos produtos turísticos, especialmente aqueles que estão associados às características ambientais e culturais de base territorial.

Esta conjugação de potencialidades vindas do lado da procura e da oferta colocam, no entanto, dois tipos de problemas nucleares: por uma lado, assiste-se a uma frequente incapacidade de valorizar substancialmente os recursos detectados, quer por debilidades de estruturação da oferta, quer por insuficiências dos mecanismos de promoção e afirmação concorrencial; por outro lado, teme-se também recorrentemente que uma expansão desordenada das actividades turísticas gere desequilíbrios ambientais que comprometam a sustentabilidade da exploração desses mesmos recursos.

A abordagem desta problemática impõe uma reflexão aprofundada sobre a natureza dos impactes que as actividades turísticas podem gerar nos seus contextos territoriais. Este impacte dependerá, naturalmente da dimensão e da natureza das actividades turísticas que os recursos existentes possam potenciar (Silva e Perna, 2002).

### **2.1 RECURSOS E ACTIVIDADES – BINÓMIO**

## DE ESTRUTURAÇÃO DO IMPACTE TURÍSTICO

É sabido que as actividades turísticas, enquanto utilizadoras de bens ambientais e de recursos de base que as favorecem, estão dependentes da existência sustentada de um ambiente equilibrado. Nessa medida, os recursos naturais e histórico-culturais constituem-se como principais factores do próprio desenvolvimento turístico.

Uma tipologia possível de recursos naturais e histórico-culturais enquadrará no primeiro grupo recursos como albufeiras, praias, paisagem, montanha, reservas e parques naturais, fauna e flora, por exemplo, colocando no segundo recursos histórico-culturais edificados (centros históricos, museus, santuários, castelos e palácios, por exemplo) e não edificados (gastronomia, artesanato e feiras tradicionais, por exemplo).

Por outro lado, a ocupação actual de um território, poderá ser vista como um recurso turístico pelo seu valor potencial para o desenvolvimento de actividades turísticas. O que significa que o turismo é constituído por actividades com grande dispersão espacial, podendo ocorrer em praticamente todos os tipos de usos de solo, sejam eles tecidos urbanos, zonas florestais, praias ou espaços de vegetação natural.

As actividades turísticas decorrem directamente

dos recursos existentes ou através da introdução destes num determinado espaço e poderão causar efeitos positivos ou negativos nos recursos de uma forma mais ou menos intensa. Como actividades mais significativas teremos por exemplo, visitas a monumentos e museus, ir à praia, o montanhismo, o mergulho e natação e a vela, entre outras.

Os impactes resultantes do desenvolvimento de actividades turísticas são gerados, quer pela implementação das actividades num determinado espaço, quer pela maior ou menor compatibilidade que se vier a estabelecer entre as actividades, já que a simultaneidade de actividades turísticas diferentes no mesmo espaço de uso poderá originar potenciais conflitos e incompatibilidades ( Secrétariat d'Etat au Tourisme, 2000).

Convirá ter presente que os eventuais efeitos negativos do desenvolvimento turístico derivam da construção e utilização de infraestruturas turísticas - equipamentos hoteleiros e urbanizações turísticas, restaurantes e acessos rodoviários por exemplo - mais do que do decorrer da própria actividade turística.

Resultará da tipologia de actividades turísticas uma aproximação aos tipos de turismo como sejam o **turismo desportivo** – actividades como o golfe ou pesca -, **turismo balnear** – actividades como a natação ou ir à praia -, **turismo cultural** – fotografia ou visita a monumentos -, **turismo rural** – marcha ou equitação – **turismo de negócios** – conferencia ou passeios, **turismo termal** – repouso ou passeios<sup>2</sup>.

## 2.2 A INSERÇÃO ESPACIAL DAS

<sup>2</sup> O desenvolvimento desta metodologia de classificação é feito em SILVA et al (1994).

## ACTIVIDADES TURÍSTICAS – ENSAIO DE TIPOLOGIA

Naturalmente estas actividades possuem uma relevante diversidade nas suas características fundamentais, nomeadamente naqueles factores que contribuem mais marcadamente para um efeito de estruturação dos tecidos económicos e sociais.

Estes factores caracterizadores correspondem a vectores de influência das actividades turísticas nos seus contextos de inserção que possuem diversas exigências de mobilização de recursos e factores produtivos.

Um ensaio de identificação qualitativa da intensidade

de cada um dos vectores nos diversos tipos de turismo (e das actividades correspondentes) pode ser visualizada na Fig. 2, utilizando-se os tipos de turismo presente em documentação oficial (Secretaria de Estado do Turismo, 2000) e os modelos de impacte económico e ambiental do turismo (BULL, 1992), para fixar as características influenciadoras.

Esta análise corresponde necessariamente a uma valorização significativamente marcada pelo contexto territorial e temporal que se considere. No caso presente, trata-se de avaliar as situações típicas que se poderão identificar na situação portuguesa face à natureza dos recursos que globalmente existem no nosso país e face ao perfil dominante da procura existente<sup>3</sup>.

A partir de uma valorização como aquela que está

FIGURA 2

Actividades Turísticas - Tipologias de Caracterização

Características Influenciadoras	Estadia Média	Fluxo Potencial	Perfil da Procura	Exigência Infra-estrutural	Efeito Ambiental
Tipo de Turismo					
Balnear	Elevada	Elevado	Baixo	Elevada	Elevado
Cultural	Média	Baixo/Médio	Médio	Média	Médio/Baixo
Rural/Habitação	Média/Baixa	Baixo	Elevado/Médio	Baixa	Baixo
Montanha	Média/Baixa	Baixo	Médio	Média/Elevada	Baixo/Médio
Desportivo	Média	Médio	Médio/Elevado	Elevada/Média	Médio/Baixo
Negócios	Baixa	Baixo	Elevado	Média	Baixo
Religioso	Baixa	Baixo	Baixo	Média	Baixo
Termal	Elevada	Baixo	Médio	Média/Elevada	Baixo

<sup>3</sup> As características básicas das actividades que compõem os tipos de turismo identificados serão naturalmente distintas noutros contextos territoriais, particularmente no que se refere a realidades como o turismo de montanha ou o turismo cultural.

esboçada é possível identificar o potencial de capacidade de estruturação e determinação dos espaços regionais dos vários tipos de turismo.

Uma simples conversão da grelha de valorização seguida numa escala cardinal onde à intensidade Elevada correspondesse o valor 7 e à intensidade Baixa o valor 1 conduziria, sem recurso a qualquer ponderação diferenciada dos vectores, a uma valorização global dos tipos de turismo como é exposta na Figura 3.

Esta ordenação de capacidade de produção de

**FIGURA 3**  
**Tipos de Turismo e intensidade de Influência**

	Síntese dos Vectores
Balnear	29
Cultural	17
Rural/Habitação	12
Montanha	15
Desportivo	20
Negócios	14
Religioso	8
Termal	18

efeitos permite identificar, no contexto das actividades turísticas no território continental português, elevada diversidade de valores com o claro destaque para o potencial influenciador do turismo de base balnear.

Naturalmente que a operacionalidade deste tipo de análise obriga à consideração da existência de diversas situações de acumulação de efeitos, provenientes de potenciais de recursos adaptados à emergência de diversos tipos de actividades turísticas.

A Figura 4 ensaia uma leitura de análise combinada de tipos de actividade turística tendo como consequência a existência de diversas situações de elevada acumulação de efeitos gerando, por essa via, modificações da capacidade de estruturação dessas actividades.

Distinguem-se, nomeadamente, situações onde recursos diversos podem conduzir a uma simples adição (combinação) de efeitos de procuras e ofertas distintas, de situações onde os recursos se potenciam mutuamente ampliando a capacidade de produção de efeitos das actividades tomadas isoladamente.

A transformação numa reflexão como aquela que

FIGURA 4

Articulação de efeitos da combinação de tipos de turismo

Balnear								
Cultural	PP							
Rural/Habitação	C	PPP						
Montanha	*	C	PP					
Desportivo	PP	C	C	PP				
Negócios	PP	PP	C	C	PP			
Religioso	C	PP	C	C	C	C		
Termal	C	P	PP	C	C	P	P	
	Balnear	Cultural	Rural/ Habitação	Montanha	Desportivo	Negócios	Religioso	Termal

C - Combinação de efeitos      P - Potenciação de efeitos (elevada, média ou baixa)

aqui é desenvolvida num instrumento de apoio à promoção de medidas de desenvolvimento sustentável das actividades turísticas implica a capacidade de gerar e gerir uma rigorosa base de dados respeitante aos recursos e à sua intensidade (Nijkamp, P. Et al, 1990).

Por outro lado importará combinar esse levantamento com a natureza potencial da relação que essas actividades podem sustentar com os perfis económicos e sociais das regiões onde se inserem.

Trata-se então de cruzar o potencial de configuração

dos recursos turísticos existentes com os níveis de estruturação das actividades económicas existentes. Esta relação procura detectar zonas relevantes para a identificação contemporânea prospectiva de quadros económicos cuja racionalidade venha a tornar-se eficaz para compreender a inserção territorial das actividades turísticas, as suas exigências e requisitos.

A figura seguinte, ao cruzar intensidades de potencial de estruturação das actividades turísticas com as características económicas de regiões ou espaços regionais, produziu cinco situações relevantes do ponto de vista analítico.

Geram-se desta forma cinco tipos de inserção

FIGURA 5

Turismo e Potencial de Estruturação Regional

		NATUREZA DA ZONA EM ANÁLISE			
		Zonas Deprimidas	Zonas Intermediárias	Zonas Económicas densas	Zonas Turísticas
Potencial de Estruturação das Actividades	ELEVADO	Potencial Dominância	Potencial Estruturação	Articulação Sectorial	Dominância
	ALTO/MÉDIO	Potencial Dominância	Potencial Estruturação	Articulação Sectorial	Dominância
	BAIXO/MÉDIO	Dinamização Local	Dinamização Local		
	BAIXO	Dinamização Local			

correspondente aos seguintes conjuntos:

- **Turismo dominante** – neste caso trata-se de identificar espaços regionais onde estas actividades desempenham já um papel de profunda determinação das condições sócio-económicas regionais.
- **Turismo potencialmente dominante** – corresponde à identificação de uma situação prospectiva onde se admite que a existência de recursos quantitativa e qualitativamente importantes do ponto de vista dos seus efeitos de estruturação, combinados com a existência de quadros económicos pouco dinâmicos noutras actividades tenderá a gerar impulsos conducentes à primeira situação tipológica.
- **Turismo com participação estruturante** – (do ponto de vista regional) – correspondendo a situações regionais onde as actividades turísticas, sem dominarem a afectação de recursos regionais, se podem articular de forma intensa para a estruturação das economias regionais.
- **Turismo com inserção intersectorial em economias dinâmicas** – correspondendo a situações onde actividades turísticas de diversa dimensão se combinam de forma complementar com afectações de recursos noutras actividades com carácter dominante regionalmente.
- **Turismo relevante como factor de dinamização local** - referindo-se a potenciais de recursos que, sem capacidade para estruturarem regionalmente uma realidade socio-económica, possuem capacidade para alimentarem dinâmicas locais de oferta e procura.

Esta tipologia possui como características

dominantes uma elevada maleabilidade operacional especialmente expressa no facto de poder (e dever) ser aplicada a espaços regionais de dimensão variável não determinados por qualquer lógica institucional ou administrativa.

Nesta óptica trata-se fundamentalmente de uma metodologia orientada para a identificação de coerências espaciais capazes de produzir efeitos na identificação de instrumentos comuns de apoio à sustentabilidade das actividades e à maximização da sua contribuição para o desenvolvimento regional.

### 2.3 APLICAÇÃO DO ENSAIO DE TIPOLOGIA AO CONTINENTE PORTUGUÊS

Uma possível articulação desta tipologia com os índices de localização turística apresentados no ponto anterior pode ser observada na Figura 6, onde são visíveis as relações entre a metodologia quantitativa dos indicadores de localização e o ensaio tipológico de identificação dos efeitos do turismo nos espaços regionais.

A exemplificação provisória aqui efectuada para algumas NUTS III, se nos permite percorrer a escala dos índices e as tipologias de inserção territorial apresentadas, naturalmente que exigirá um trabalho adicional de caracterização de muitas outras unidades territoriais quer ao nível destas NUTS III, quer num âmbito concelhio.

FIGURA 6

Potencial de Estruturação do Turismo : exemplo de aplicação a algumas NUTS III

NUTS III	Localização Turística Ponderada	Índice de Localização	Tipo Dominante de Turismo	Intensidade de Influência	Inserção Territorial do Turismo
Algarve	Muito Intensa	5	Balnear	29	Turismo Dominante
Alentejo Litoral	Intensa	4	Balnear	29	Turismo Potencialmente Dominante
Grande Lisboa	Moderada	3	Cultural Negócios	17 14	Turismo Articulação Sectorial
Minho / Lima	Baixa	2	Rural/Habitação	12	Turismo com Participação Estruturante
Baixo Alentejo	Reduzida	1	Diverso	15	Turismo com Factor de Dinamização Local

### 3. TURISMO – INSERÇÃO TERRITORIAL, PROBLEMAS NUCLEARES DE DESENVOLVIMENTO E ÁREAS ESTRATÉGICAS DE INTERVENÇÃO

Neste último ponto, pretende-se equacionar problemas e eventuais soluções à luz das tipologias anteriormente apresentadas e que reforcem uma capacidade de endogeneização do turismo nos tecidos produtivos regionais.

Os problemas associados aos diversos tipos de inserção das actividades turísticas possuem características distintas e intensidades também diversas.

É possível identificar cinco tipos de factores que correspondem a dimensões-problemas na óptica do desenvolvimento turístico sustentável regionalmente.

Trata-se de dimensões físicas da oferta turística que frequentemente escasseiam ou possuem debilidades estruturais, de dimensões empresariais ou

institucionais que poderão bloquear os protagonismos indispensáveis e ainda, de níveis de produção de efeitos do ponto de vista ambiental que constituem, nos nossos dias, o plano simultaneamente mais mediatizado e mais crítico na sustentação estratégica destas actividades.

#### A) INFRAESTRUTURAÇÃO BÁSICA

Neste domínio incluem-se todas aquelas infraestruturas que, sendo indispensáveis à qualidade de vida da população residente, condicionam o desenvolvimento turístico.

É o caso das infra-estruturas de saneamento básico e de energia, intimamente ligadas à qualidade ambiental e à própria competitividade de turismo; o abastecimento de águas, incluindo a sua qualidade, estado da rede e capacidade de armazenamento, do qual dependerá o funcionamento destas actividades; o tratamento das águas residuais e o sistema de recolha de resíduos onde os aspectos de localização e tipo de tratamento são de particular relevância

nas áreas turísticas; as comunicações associadas à acessibilidade e ao tempo dispendido na aproximação aos recursos turísticos; a rede energética, onde os equipamentos de alojamento e restauração são, em regra, os de maior consumo energético; os equipamentos de saúde, de crescente importância quer face aos segmentos que se deslocam, quer à necessária comparação entre os existentes nos destinos emissores de turistas.

#### B) INFRAESTRUTURAÇÃO ESPECÍFICA

Será através dos serviços e dos equipamentos associados ao alojamento, alimentação e animação, que o impacto do turismo se faz sentir, num primeiro momento, aos níveis local e regional, surgindo como elemento básico na relação procura – recursos e atracções.

Este tipo de infraestrutura é particularmente sensível a variação dos gostos e preferência dos turistas.

A sua localização surge como um dos principais factores de sucesso, podendo exigir um cuidado planeamento não só da sua localização geográfica como do tipo de estrutura, serviços oferecidos e dimensão.

#### C) COMPETITIVIDADE

A melhoria da infraestruturação básica e da qualidade dos produtos turísticos deve ser acompanhada por uma preocupação com a competitividade, estando esta intimamente relacionada com a melhoria da produtividade das empresas. Estará em causa, portanto, a procura de ganhos de produtividade, quer através da introdução de novas tecnologias, quer pela melhoria organizacional das empresas, integração de produtos e o desenvolvimento de objectivos estratégicos de longo prazo.

#### D) INTEGRAÇÃO ECONÓMICA E SOCIAL

A imagem de um destino turístico não prescinde de uma interdependência de esforços dos vários intervenientes empresariais – hotéis, restaurantes, animação – tendo em vista a percepção por parte do turista de um “só produto, uma só experiência e uma só memória”.

Mas, simultaneamente, a necessária relação do turismo com o próprio desenvolvimento regional obriga à valorização da capacidade endógena para suportar as actividades turísticas, o restauro e a renovação do património cultural e a diversidade de agentes participantes na gestão de equipamentos e na própria associação e concertação de políticas.

#### E) INTEGRAÇÃO AMBIENTAL

O tipo de relação do turismo com o ambiente assume uma expressão vital para a própria sobrevivência de ambos.

Por um lado, grande parte dos elementos ambientais são atracções para os turistas. Por outro lado, os próprios equipamentos e infraestruturas turísticas constituem-se como elemento do chamado “ambiente construído”. Refira-se ainda que o desenvolvimento turístico e o uso de um espaço ocasionam impactes ambientais.

### 3.1 PROBLEMAS NUCLEARES

A Figura 7 procura identificar numa visão sintética as distinções que as diversas situações tipológicas consideradas possuem do ponto de vista dos vectores críticos. Não se pretende desenvolver uma listagem exaustiva mas antes valorizar problemas que podem desempenhar um papel fulcral na óptica da afirmação das actividades turísticas.

A visão espacialmente flexível que enforma a construção tipológica desenvolvida impediria, aliás, uma selecção que ultrapassasse um posicionamento de tipo exemplificativo.

A inserção das actividades turísticas num espaço regional, objectivada em função de complexos e diferenciadas cadeias de interacção, coloca-nos perante problemas igualmente diversos consoante o nível de protagonismo assumido (ou a assumir) pelo turismo nesses espaços.

Nas regiões em que o turismo se apresenta como actividade dominante, a procura turística, ao possuir um exigente equilíbrio com a estrutura produtiva, apela ao desenvolvimento de diversas actividades a montante, seleccionando as suas características ambientais e exige uma intensa utilização dos equipamentos e infraestruturas básicas, não raro em curtos períodos de tempo.

Esta dominância económica coloca igualmente a ênfase em problemas de requalificação dos equipamentos e serviço e no próprio desajustamento destes (quantitativa e qualitativamente) ao evoluir dos segmentos de procura.

Nas regiões onde esta dominância se visualiza para um médio e longo prazo, o tipo de problemática é de outra natureza, já que a simples constatação de actividades turísticas, potencialmente dominantes muitas das vezes, não é acompanhada por um suficiente conhecimento dos efeitos do seu

crescimento, o que implica a necessidade da análise do seu financiamento e das infraestruturas; de um planeamento dos vários elementos que compõem a oferta e a mobilização e concertação dos vários agentes públicos e privados na definição dos grandes objectivos estratégicos.

Naqueles espaços onde o turismo se assume como potencialmente estruturante, assumirá maior destaque a problematização dos aspectos da comercialização, do lado da procura, da conflitualidade e desarticulação nos usos de recursos, infraestruturas e equipamentos do lado da oferta.

Quando o turismo se insere em regiões de profunda diversificação da sua base económica, os problemas nucleares surgem associados à defesa de recursos histórico-culturais, à articulação de diferentes componentes do produto turístico – história, cultura, desporto, lazer, negócios, entre outros – e à conflitualidade de actividades e usos de recursos em espaços onde há um predomínio de actividades que poderão não se relacionar directa ou indirectamente com o turismo.

Naquelas regiões mais deprimidas onde o turismo pode dinamizar localmente as potencialidades naturais e histórico-culturais, o quadro dos problemas sugere uma intensa debilidade da totalidade dos vectores críticos.

### 3.2 ÁREAS ESTRATÉGICAS

FIGURA 7

## Vectores Críticos das Actividades Turísticas – problemas Nucleares por tipos de Inserção Regional

TIPO DE INSERÇÃO	INFRAESTRUTURAÇÃO BÁSICA	INFRAESTRUTURAÇÃO ESPECÍFICA	COMPETITIVIDADE	INTEGRAÇÃO ECONÓMICA E SOCIAL	INTEGRAÇÃO AMBIENTAL
DOMINANTE	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Congestionamento</li> <li>▪ Concentração sazonal de utilização</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Qualidade insuficiente do Equipamento</li> <li>▪ Sobre-equipamento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Debilidade de organização empresarial</li> <li>▪ Dificuldades de segmentação de mercados</li> <li>▪ Concentração da procura</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Estruturação monoprodutiva</li> <li>▪ Desarticulação a montante</li> <li>▪ Dificuldades de concertação dos actores sociais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Degradação de recursos naturais e histórico-culturais</li> </ul>
POTENCIALMENTE DOMINANTE	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Défices infra-estruturais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Estrutura de financiamento</li> <li>▪ Planeamento da oferta</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Insuficiente definição estratégica</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Mobilização e concertação de actores</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Insuficiente conhecimento dos efeitos do crescimento turístico</li> </ul>
POTENCIALMENTE ESTRUTURANTE	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Défices infra-estruturais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Insuficiente estruturação da oferta</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Debilidades de comercialização e integração de produtos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Insuficiente mobilização de actores</li> <li>▪ Insuficiente articulação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Conflitualidade de usos de recursos</li> </ul>
ARTICULAÇÃO INTER-SECTORIAL	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Insuficiências locais de planeamento</li> <li>▪ Insuficiente investimento de suporte</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Equipamentos com insuficiente capacidade de diversificação de mercados</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Insuficiente integração de produtos turísticos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Insuficiente valorização institucional das potencialidades turísticas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Conflitualidade intensa de usos de recursos</li> </ul>
DINAMIZAÇÃO LOCAL	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Debilidades intensas de infra-estruturação básica</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Debilidade de equipamentos turísticos estruturantes</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Incapacidade de comercialização e definição dos públicos alvo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Insuficiente integração e articulação institucional</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Escasso controlo de efeitos localizados</li> </ul>

Os diferentes tipos de inserção das actividades turísticas coloca-se também perante níveis e aspectos diversificados ao nível das áreas estratégicas associadas aos vectores críticos apresentados (Figura 8).

A dominância turística de uma região terá, nos limiares de carga das infraestruturas básicas, nas auditorias ambientais, na requalificação e diversificação dos equipamentos turísticos e na cooperação estratégica dos vários intervenientes, as principais áreas de intervenção.

Num quadro regional onde o turismo se assume como potencialmente dominante, as intervenções assumem um carácter obrigatório e aprofundado de planeamento, ordenamento e de avaliação ex-ante dos efeitos dos programas e investimentos turísticos.

Se uma potencial capacidade de estruturação regional das actividades turísticas coloca a necessidade de um ordenamento territorial, implicará o reforço de uma articulação das infraestruturas, equipamentos e serviços com as actividades já existentes, numa perspectiva concorrencial e de integração de estratégias.<sup>4</sup>

No que diz respeito a situações de articulação

<sup>4</sup> Sobre este tema um importante desenvolvimento é feito por DOWLING (1993)

FIGURA 8

Vectores Críticos das Actividades Turísticas – Áreas Estratégicas de intervenção por tipos de Inserção Regional

VECTORES CRÍTICOS TIPO DE INSERÇÃO	INFRAESTRUTURAÇÃO BÁSICA	INFRAESTRUTURAÇÃO ESPECÍFICA	COMPETITIVIDADE	INTEGRAÇÃO ECONÓMICA E SOCIAL	INTEGRAÇÃO AMBIENTAL
DOMINANTE	<ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolvimento de infraestruturas básicas em função dos limiares de carga aceitáveis</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolvimento do investimento de suporte à diversificação de actividades</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Requalificação da oferta</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolvimento da cooperação estratégica nos planos horizontal e vertical</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolvimento da auditoria ambiental e promoção de mecanismos de gestão da intensidade de carga dos recursos</li> </ul>
POTENCIALMENTE DOMINANTE	<ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolvimento de políticas de infra-estruturação suportadas por rigorosas políticas de ordenamento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ordenamento territorial com identificação de limiares de intensidade de carga turística</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolvimento de políticas integradas de planeamento, investimento e</li> <li>Comercialização dos produtos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Promoção de instâncias de concertação de interesses nos planos endógeno e exógeno</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Avaliação ex ante dos efeitos multidimensionais do investimento turístico como suporte às políticas de ordenamento e promoção</li> </ul>
POTENCIALMENTE ESTRUTURANTE	<ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolvimento de políticas selectivas de ordenamento turístico</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolvimento de infraestruturas turísticas compatibilizadas com as actividades existentes</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Constituição de unidades concorrenciais qualificadas e com capacidade de diversificação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Promoção da cooperação empresarial com capacidade de integração de actividades e de constituição de redes regionais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Promoção de instrumentos de ordenamento territorial com capacidade para discriminar usos</li> </ul>
ARTICULAÇÃO INTER-SECTORIAL	<ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolvimento de políticas selectivas de ordenamento turístico</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolvimento de infraestruturas turísticas de elevada compatibilidade com as actividades predominantes</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Promoção de produtos e diversificação de elevada qualificação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Promoção de cooperação empresarial inter-actividades</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Promoção de instrumentos de ordenamento territorial com capacidade para discriminar usos</li> </ul>
DINAMIZAÇÃO LOCAL	<ul style="list-style-type: none"> <li>Integração da infra-estruturação de uso turístico nas prioridades de desenvolvimento local</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolvimento infra-estrutural de dimensão local e de renovação e reutilização de equipamentos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolvimento de instrumentos de promoção de matriz associativa e com significativa assistência pública</li> <li>Valorização dos factores de diferenciação dos produtos turísticos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Estímulo intenso à cooperação inter-profissional e ao associativismo e articulação institucional</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolvimento de programas de avaliação expedita de impactes e de monitorização das cargas turísticas</li> </ul>

#### 4. SÍNTESE E CONCLUSÕES

Com o presente trabalho pretende-se demonstrar que o estudo sobre as actividades turísticas em Portugal beneficiará de uma dimensão operatória baseada quer em indicadores ponderados de localização destas actividades, quer em tipologias qualitativas onde esteja presente uma avaliação do potencial de estruturação do turismo numa base regional.

A aplicação destes ensaios metodológicos ao continente português, não só permitiu hierarquizar os espaços territoriais onde o turismo está presente, como nos colocou perante o seu diferente protagonismo económico.

Regiões como o Algarve e o Alentejo Litoral, por exemplo, surgem profundamente influenciadas por actividades turísticas baseadas no turismo balnear. Numa escala igualmente significativa, regiões como a Grande Lisboa e o Centro e mais recentemente o

Alentejo - onde estão presentes outros factores de atracção turística -, sugerem igualmente um inegável dinamismo associado a diferentes tipos de turismo (da cultura aos negócios, e da religião à ruralidade).

A introdução de grelhas de análise de natureza qualitativa, combinada com a maleabilidade territorial deste tipo de abordagens, permitirá, porventura uma operacionalização vantajosa do ponto de vista da orientação das políticas públicas de apoio ao desenvolvimento.

A reflexão final em torno dos problemas e das medidas que poderão ser ensaiadas para se ultrapassar em debilidades e constrangimentos, poderá igualmente ser um importante contributo na análise da inserção regional das actividades turísticas no início deste Século XXI em Portugal.



## BIBLIOGRAFIA

- BULL, A., (1992) – *The Economics of Travel and Tourism*, Pitman Publishing, Melbourne.
- DELGADO, A.P. e GODINHO, I.M., (2002) – “Medidas de Localização das Actividades e da Especialização Regional”, in *Compêndio de Economia Regional* (José Silva Costa, coordenador), Coleção APDR, Coimbra.
- DOWLING, R., (1993) – “An Environmentally – based Planning Model for Regional Tourism Development “, in *Journal of Sustainable Tourism*, Vol. 1, nº1.
- GOUGET, J., (1992) – «Études d’Impact sur l’Environnement : de la théorie a la pratique» in *Revue d’Economie Régionale et Urbaine*, nº3.
- INE, (1998) – *Estatísticas do Turismo, Estatísticas Demográficas e Contas Regionais*.
- Ministério do Comércio e Turismo, (1995) – *Informação Estatística sobre o Turismo*, Lisboa.
- Ministério do Planeamento e Administração do Território, (1994) – Preparar Portugal para o Século XXI – *Análise Económica e Social*, Lisboa.
- NIJKAMP, P. et al, (1990) – Regional Sustainable Development and Natural Resource Use, World Bank, *Annual Conference on Development Economics*, Washington D.C.
- Secretaria de Estado do Turismo, (2002) – *Turismo em Portugal, Política, Estratégia e Instrumentos de Intervenção*, Lisboa.
- Secrétariat d’Etat au Tourisme, (2000) – *Piloter le Tourisme Durable dans les Territoires et les Entreprises*, Agence Française de l’Ingénierie Touristique, Paris.
- SILVA, J. A. et al., (1994) – *O Impacte Sócio-Económico e Ambiental das Actividades Turísticas* – contributos para uma Avaliação Integrada, Relatório preparado para a Direcção Geral de Turismo, Centro Interdisciplinar de Estudos Económicos e Centro de Estudos de Planeamento e Gestão do Ambiente, Lisboa.
- SILVA, J. A. e Perna, F., (2002) – “Turismo e desenvolvimento auto-sustentado “, in *Compêndio de Economia Regional* (José Silva Costa, coordenador), Coleção APDR, Coimbra.